



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de medida provisória que cria pensão
indenizatória aos portadores de hanseníase**

Palácio do Planalto, 24 de maio de 2007

Se eu não tomar o microfone aqui, ele vai querer levar o meu óculos aqui.

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Nosso querido deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados. É extremamente importante você estar aqui porque a medida provisória entra lá hoje e, amanhã, você já coloca ela para votar. Também não é assim.

Meu caro Temporão, nosso ministro da Saúde,
Meu companheiro Paulinho Vannuchi, secretário especial de Direitos Humanos,

Meu caro Jorge Viana, ex-governador do Acre,
Tião Viana,
O primeiro governador do Acre que eu fui visitar, eu fui com o Tião e com o Jorge.

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,
O nosso embaixador, que fica sempre atrás da moita escondido, o nosso querido Ney Matogrosso, parceiro (inaudível) nessa luta,

Senadora Ideli Salvatti,
Senador Augusto Botelho, Eduardo Suplicy,
Deputada Cida Diogo e deputada Maria do Carmo,

Se tiver mais deputados, não me deram aqui. Ah, tem mais?

Deputado Chico D'Angelo, Fernando Melo, Juvenil Alves e Luiz Sérgio,
Meus companheiros,



Nossa querida Valdenora Cruz, que fez o uso da palavra,

A nossa querida companheira Terezinha Prudêncio da Silva, ex-companheira do Bacurau, grande Bacurau,

Nosso companheiro, vou contratá-lo para fazer discurso para mim, nesses próximos períodos aí, nosso Mireli,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu vou mandar colocar um pneu novo aí, vou ver se sobrou um daqueles que o Felipe Massa usou para correr esta semana e vou arrumar para você colocar.

Meus companheiros e companheiras,

Eu penso que todos nós temos que ter orgulho de poder viver esse momento em que o presidente da República assina uma medida provisória, porque esse momento tem um sentido, antes de mais nada, de reparação de injustiça no Brasil, de tantas e tantas que nós ainda teremos que fazer reparos. Muitas vezes as pessoas perguntam porque isso não aconteceu antes. É porque as coisas não acontecem antes do tempo que têm que acontecer. Por mais que a gente esteja com vontade de comer uma banana, se a gente não tiver dinheiro para comprar e não tiver como comprar, a gente vai ter que plantar um pé de banana. E pode ficar sentado ali no pé dela, xingando o cacho de banana, ou a bananeira primeiro, dando pontapé; vai ter um dia em que vai nascer um broto, que depois vai virar como se fosse um coração, e depois vai virar um cacho de banana; vamos comer a banana, e ainda comer quando ela estiver madura.

Eu penso que esse é um processo de maturação que o País está passando, é um processo de maturação como o crescimento da vida humana, ou seja, há tempo para tudo na vida humana. E há um tempo em que a gente vai, não apenas enquanto governo, adquirindo consciência, mas a gente vai vendo que a sociedade, muitas vezes, é a propulsora dessa consciência



adquirida pelos governantes. Aí, é apenas uma questão de sensibilizar aqueles que têm o poder de fazer as coisas acontecerem.

Vocês sensibilizaram politicamente todos nós, saiu a medida provisória. E agora todos nós vamos sensibilizar a Câmara dos Deputados e o Senado. Ela já começa a valer no dia em que chega ao Congresso Nacional, mas é importante que seja aprovada, porque eu penso que será motivo de orgulho para o presidente da República deste País, para os parlamentares deste País, o dia em que isso estiver transformado numa lei, e que a gente possa falar no mundo inteiro o que foi feito.

Portanto, nós estamos combatendo uma arbitrariedade, ainda que praticada à luz da ciência da época. Estamos recompondo a dignidade humana de pessoas que não tiveram e não têm a menor culpa ou responsabilidade pelo que sofreram ou pelo que sofrem.

Estamos, por fim, cumprindo um compromisso ético e moral que todo governante deve ter com aqueles que, além da doença em si, padecem com as seqüelas sociais que ela provoca. E como todos nós aqui, indistintamente por outras razões sabemos o que é o preconceito, muitas vezes a dor de uma doença é menor que a dor do preconceito a que a gente é submetido. Dói muito mesmo.

Todos vocês sabem que essa é uma história muito antiga. Ao longo de milênios, as sociedades estigmatizaram tanto os doentes de lepra que, praticamente em todas as línguas, leproso deixou de ser o substantivo que designa a pessoa portadora de uma doença, para se tornar o adjetivo que a denomina. Aqui no Brasil foi assim.

Embora, lamentavelmente, o adjetivo ainda permaneça, a sociedade e a medicina passaram a chamar as vítimas dessa doença a partir do nome do seu descobridor, hanseníase. Mas, se mudou o nome, custaram a mudar os métodos. Como se fazia antigamente e na época não se havia descoberto o tratamento quimioterápico, a Primeira República mandou isolar as pessoas



com hanseníase em hospitais, asilos e colônias construídos especialmente para esse fim.

Eu gostaria, Arlindo, de pedir, seria extremamente importante que um dia, quem sabe você, como presidente da Câmara, chefiasse uma delegação de deputados para conhecer algumas colônias. Pode escolher a mais perto, só para as pessoas sentirem de perto o que a gente só sente vendo. A gente não sente lendo e a gente não sente vendo na televisão. A gente sente se for lá. É importante porque a gente tem muita coisa para fazer, e eu acho que com a Câmara dos Deputados e o Senado tendo esse compromisso, não apenas político, ético, mas emocional, a gente possa fazer mais rápido as coisas que nós ainda não fizemos.

Intervenção de participante: Com licença, senhor Presidente. Eu gostaria que a Colônia Santa Marta, no estado de Goiás, fosse a primeira a ser visitada, porque é bem pertinho.

Dá para ir a pé. Anotou aí? Colônia Santa Marta.

Em 1933, o governo instituiu o isolamento compulsório dos doentes, obrigando o seu confinamento em 101 colônias. Isso vigorou até 1962. Pasmem, somente em 1967 esse confinamento acabou em São Paulo e em Minas Gerais, dois dos estados mais importantes do País. Era o que disseram os companheiros aqui, todo mundo sabe, nada do que eu disser aqui é mais importante do que o depoimento dos companheiros do Morhan. A verdade é que esses companheiros, embora estivessem dentro do Brasil, viveram grande parte das suas vidas fora do Brasil, num outro mundo, num outro espaço geográfico em que os governantes do Brasil não governavam para eles, em que os prefeitos do Brasil não governavam para eles, em que os deputados do Brasil não legislavam para eles.

Eu penso que, agora, o muro da colônia caiu e vocês podem dizer:



“agora nós temos pátria, agora nós temos uma nação que nos reconhece”. O preconceito a gente não cura com lei, não se iludam; a cura do preconceito é com educação, é debate e é o tempo que vai mostrar. Todos da minha idade, da idade, eu acho, dos que estão aqui, foram criados na sua infância para ter horror à lepra. Até que eu tive amizade com o Bacurau, e parte do meu preconceito terminou quando eu tive contato direto com os companheiros e com as companheiras que eram vítimas da hanseníase.

Das 101 colônias, 33 ainda continuam parcialmente ativas, e a estimativa é que ainda existam cerca de 3 mil pessoas remanescentes do período do isolamento compulsório. É uma população que ainda sofre em razão das seqüelas adquiridas e, muitas vezes, também da idade avançada que as pessoas têm.

Em abril do ano passado nós assinamos, aqui, decreto constituindo o Grupo de Trabalho Interministerial de Ex-Colônias de Hanseníase. O objetivo era levantar a situação dos residentes nas ex-colônias e propor a articulação e a execução de ações de promoção dos direitos de cidadania dessa população.

Esse grupo de trabalho, coordenado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, concluiu sua tarefa e recomendou que os portadores de hanseníase que tenham sido submetidos à internação compulsória recebam uma pensão especial.

Desta forma, a Medida Provisória, que acabei de assinar, cria uma pensão vitalícia, pessoal e intransferível de 750 reais para aquelas pessoas que foram compulsoriamente segregadas. Acredito que esta medida poderá melhorar a qualidade de vida dessa população.

O Ministério da Saúde vem também repassando recursos para melhorar a condição de alguns hospitais que acolhem doentes de hanseníase, atendendo, aliás, outra recomendação do Grupo de Trabalho. Tem gente que pensa que grupo de trabalho não funciona. Ele não funciona quando as pessoas que participam do grupo não são sérias. Mas quando as pessoas são



sérias, o resultado que nós colhemos é imediato.

A determinação é integrar as áreas hospitalares dos asilos ainda existentes ao sistema local de saúde e, ao mesmo tempo, fazer com que esses asilos atuem em projetos sociais e de desenvolvimento humano.

É uma tarefa difícil, no entanto. Eu queria dizer para vocês o seguinte: quando eu fiz a primeira visita à colônia, no Acre... eu tinha conhecido uma, acho que em Nova Lima, em Minas Gerais, não sei... Santa Isabel...

Santa Isabel, muito tempo atrás. Betim, acho que foi em Betim, em 1980 e poucos. E depois eu fui ao Acre. Eu posso dizer para vocês que, eu não sei, Temporão, quando a gente ouve o depoimento de um companheiro que não conseguiu ir ao médico porque não teve o dinheiro da passagem... Aquela caneta que eu dei, se eu vendesse, pagava a sua passagem. Agora, já dei. Mas é uma coisa inexplicável, é uma coisa que... Eu digo sempre o seguinte: se os governantes deixassem de pensar as coisas grandes e comesçassem a viver as coisas pequenas... porque é um conjunto de coisas pequenas não resolvidas que cria um problema grande. Então, se a gente atacasse os problemas que parecem pequenos... um cidadão não poder tratar da catarata porque faltou uma passagem – o Tião poderia ir lá e operar ele, sem precisar ir ao hospital, lá na casa dele. É uma tarefa difícil. No entanto, o esforço de vários governos e as diferentes estratégias adotadas para conter a disseminação da hanseníase não impediram a ocorrência de, isso é grave, tudo que está sendo feito não impediu a ocorrência de 45 mil casos novos da doença, no ano passado. É uma doença de evolução lenta e que ainda não tem uma vacina específica.

Eu acho, companheiro Temporão, que seria preciso pensar em colocar no rádio e na televisão uma forte propaganda para que a gente possa fazer as pessoas irem descobrindo a doença com muito mais facilidade, sobretudo nos lugares em que a gente sabe que tem mais incidência. A gente poderia tentar criar uma campanha muito mais forte para que as pessoas se autodescobram e



possam, em tempo, procurar os médicos para cuidar disso. É uma coisa de cuidar porque... E falar disso no horário nobre, na hora em que estão aparecendo as novelas, todas aquelas pessoas muito bonitas, entrar... Aliás, eu acho até que um diretor de novelas, um desses homens importantes que fazem novela, poderia colocar um tema desses no horário nobre de uma novela, como têm colocado em algumas, que são coisas extremamente importantes. Quem sabe fosse o caso, Temporão, de conversar com as televisões que têm novela e ver se não querem colocar um tema em que um artista daqueles vá pelo menos visitar uma colônia para dizer: elas existem aqui no Brasil.

Bom, uma das tarefas do SUS é diagnosticar esses pacientes antes que as deformidades se instalem e lhes causem problemas sociais como o isolamento, a segregação e a discriminação. A verdade é que, felizmente, temos conseguido reduzir as deformidades em casos novos, mas ainda há pessoas, trabalhadores principalmente, que necessitam de reabilitação física. Eu tenho certeza de que esta medida provisória, que faz jus à luta dos hansenianos, deverá estimular novas e melhores condições para atendê-los.

Tião, eu sei por que você foi citado tantas vezes aqui pelos companheiros do Morhan. É porque no fundo, no fundo, os companheiros reconhecem quem dedica parte da sua atividade política cuidando dessa gente. As colônias são sempre longe, tem que andar muito, e ir lá para ver gente com processo de deformação muitas vezes não é agradável, porque não basta também ser médico, é preciso ter um pouco de coração para cuidar dessas coisas, ter um pouco de sentimento. Eu queria dizer para vocês que eu não sei se a gente vai conseguir acabar, Ney Matogrosso, eu não sei se a gente vai conseguir acabar.

O que eu quero dizer para vocês é o seguinte: nós temos uma chance de melhorar infinitamente a vida de quem ainda está em uma colônia, de criar as condições para que as pessoas voltem a trabalhar, de fazer campanha para



que as pessoas não sejam vítimas de preconceito. Afinal de contas, nos temos mais quase 4 anos de mandato, e eu digo sempre para todos os movimentos: aproveitem agora, aproveitem agora. Da mesma forma que um companheiro acabou de ganhar a minha caneta, a gente pode ganhar muita coisa, porque este segundo mandato é para a gente fazer tudo aquilo que a gente não fez no primeiro e fazer mais e melhor, e eu quero dizer para vocês que a disposição é total e absoluta de fazermos as coisas que precisam ser feitas.

Muitas vezes, fica-se discutindo se vai gastar 30, 40, 50 mil reais e, de repente você vê, no jornal, milhões saindo pelo ralo sem a gente poder cuidar dos pobres. Então, eu quero agradecer a todos os movimentos, é uma alegria recebê-los pela segunda vez em tão pouco tempo aqui no Palácio do Planalto, veja o que é a conquista da democracia. Por aqui já passou sem teto, sem casa, sem terra, sem dinheiro, sem emprego, agora passam os hansenianos.

Isso, passa o Pirelli aí, falando grosso.

Eu quero dizer para vocês que, de tantas as alegrias que a gente tem, de tanta tristeza que a gente tem, porque governar é um misto de alegrias e de tristezas, de conquistas e de derrotas, eu quero dizer para vocês que, se tem uma coisa que eu posso, daqui a uns – se eu viver mais 20 anos – poder dizer qual foi o dia em que eu tive muito orgulho de ser presidente, eu queria dizer para vocês que são dois dias que marcaram a minha vida: o primeiro dia, quando eu recebi os catadores de papel aqui dentro, e o dia em que eu estou recebendo vocês para assinar esta medida provisória. Porque, embora a gente tenha que olhar os 190 milhões de brasileiros, a verdade é que, como uma boa mãe, a gente tem que olhar com mais carinho aqueles mais frágeis e que mais necessitam do Estado brasileiro.

Que Deus abençoe a todos nós e que mais gente como vocês, não com hanseníase, mas com saúde, apareça para brigar em defesa daqueles que sofreram as seqüelas, e que Deus queira que nasça mais gente com a alma e com o coração do tamanho da alma e do coração do Tião Viana, porque aí



**Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Discurso do Presidente da República**

todos nós nos sentiremos mais protegidos.

Um abraço e parabéns a todos vocês.

Leia o release sobre o assunto:

http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/Informe_da_Hora/REL230507.D

[OC](#)